



**O INTELLECTUAL REVISITADO EM A HORA DA ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR**

**THE REVISITED INTELLECTUAL IN THE HOUR OF THE STAR BY CLARICE LISPECTOR**

Carlos Vinícius da Silva Figueiredo<sup>1</sup>

PROPP-UFMS

**RESUMO:** Este trabalho, de caráter bibliográfico, tem por objetivo analisar a obra *A hora da estrela* (1977), enfocando a relação biográfico-histórico-cultural que atravessa tal produção. Procura-se, aqui, analisar o contexto histórico da época, em específico a década de 1970, e toda transformação cultural que esse período propõe, a exemplo do Regime Militar e o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. Tem-se como hipótese de pesquisa o questionamento de que Clarice Lispector estivesse, de alguma forma, preocupada com os movimentos políticos e culturais que estavam acontecendo, a ponto de observar tais acontecimentos na construção de suas histórias que, talvez por isso mesmo, tenham um cunho mais realista. Objetiva-se assim discutir o papel da intelectual frente à produção literária de sua época e seu reflexo perante a sociedade.

**PALAVRAS-CHAVES:** Clarice Lispector, Intelectual, Cultura.

**ABSTRACT:** This work, of bibliographical character, has for main objective to analyze the work *A hora da estrela* (1977), focusing the biographical-historical-cultural relationship that crosses such production. It is sought, here, to analyze the historical context of the time, in specific the decade of 1970, and all the cultural transformation that this period proposes, for instance the Military Regime and the development of the broadcastings. The research hypothesis is to question that Clarice Lispector was, in some way, concerned with the political and cultural movements that were happening, to the point of to observe such events in the construction of her histories that, perhaps for that reason, have a more realistic stamp. It is aimed to discuss the paper of the intellectual front to the literary production of her time and its reflex to the society.

**KEY WORDS:** Clarice Lispector, Intellectual, Culture.

*Eu não me sinto jamais plenamente justificado por ser um intelectual; não me sinto 'em casa', tenho o sentimento de ter contas a prestar- a quem? Eu não sei – pelo que me parece ser um privilégio injustificável.*

Pierre Bourdieu

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas. Bolsista pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFMS, Coordenador do Projeto de Extensão Pró-Línguas UFMS. Este texto faz parte do projeto de dissertação intitulado *O direito ao grito: O papel do intelectual no Brasil da década de 70*, sob a orientação do professor Doutor Edgar Cezar Nolasco dos Santos. E-mail: [cviniiciusfigueiredo@hotmail.com](mailto:cviniiciusfigueiredo@hotmail.com)



A obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, após completar 30 anos de seu lançamento, ainda suscita questionamentos acerca de sua abrangência e importância no âmbito da literatura brasileira. De acordo com um consenso crítico essa obra é o primeiro livro que a intelectual Lispector aborda de maneira explícita a questão social.

Lispector apresenta a personagem Macabéa, uma retirante alagoana, um substantivo coletivo, representante de uma grande massa que vem tentar a sorte no sul do país, juntamente com o narrador-escritor Rodrigo S.M. que se diz no “dever de contar a história da pobre moça como tantas outras” (LISPECTOR, 1998, p.13).

Além da tematização da literatura, a obra publicada no período de regime autoritário tem como pano de fundo uma reflexão sobre o contexto sociopolítico e cultural em que foi produzida, e que não se pode desconsiderar na produção de Clarice Lispector.

Daí a análise partir do texto literário enquanto matéria discursiva cultural e tratar de forma específica das questões culturais e sociais que permeiam a obra, em que “o leitor estabelece conexões implícitas, preenche lacunas, faz deduções e comprova suposições” (EAGLETON, 2001, p.105).

Diante disso, enfoca-se a análise no estudo de problemas atuais, figurativizados em obra também contemporânea e, mais do que isso, na articulação de temáticas que tocam o País e o mundo. Mesmo que implicitamente, o texto de Lispector sugere um debate político e social, colaborando para a diluição de certezas e submetendo as instituições a uma séria crítica, tendo o exemplo da mulher pobre e marginalizada- Macabéa.

Em uma narrativa conduzida por um escritor-personagem preso até a alma em seu trabalho com a escrita, e que às vezes se perde em suas divagações, Lispector possui interesses precisos e os deixam expostos ao mascarar-se neste narrador para contar a história da pobre moça Macabéa, pois “uma escritora mulher poderia lacrimejar piegas” (LISPECTOR, 1998, p.20), daí poder-se inferir que a escritora nas entrelinhas desse discurso começa a se posicionar e apontar preconceitos contra a mulher e a escrita feminina.

Valendo-se do escritor-personagem Rodrigo S.M., Lispector zomba, brinca, dá uma gargalhada irônica na figura do narrador masculino de toda tradição narrativa brasileira anterior a ela.

Neste nível da narrativa, no qual o protagonista é o próprio narrador-escritor, e o tema central é a problematização da escrita e sua atuação no meio social, Lispector tenta mostrar o



quanto escrever é difícil, sem deixar marcas ou se expor, principalmente quando se tem sob pano de fundo uma agência de censura pronta para agir:

E eis que fiquei agora receoso quando pus palavras sobre a nordestina. E a pergunta é: como escrevo?(p.24) (...) Antecedentes meus do escrever? Sou homem que tem mais dinheiro do que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo desonesto. E só minto na hora exata da mentira. Mas quando escrevo não minto. Que mais! Sim, não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que possa desequilibrá-la, a baixa nunca vem a mim. Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados (LISPECTOR, p.24, 1998).

Fica exposto neste trecho o posicionamento crítico do narrador-escritor acerca da diferença de classes e injustiça social de nosso país, assumindo seu compromisso enquanto intelectual diante da existência da precária vida de Macabéa frente as mazelas da sociedade, pois através de uma personagem insignificante, ingênua e extremamente ignorante é construída uma crítica social ligada ao cotidiano e a individualidade naquele período e não obstante na atualidade.

Rosani Umbach constata que “Clarice Lispector parece querer denunciar uma forma de literatura socialmente descomprometida, que glorifica a simplicidade das classes humildes do povo, questionando o papel da literatura em um contexto social autoritário” (UMBACH, 2001, p. 119).

O fato é que *não há mais como dialogar com o mundo sem desconfiança, nem tampouco a pretensão da imparcialidade* como afirma Regina Dalcastagne, imparcialidade esta que Lispector toma ao finalizar seu projeto literário com a obra *A hora da estrela* (1977) estabelecendo um debate político com seu tempo.

Para Jaime Ginzburg, é nesse momento que “se encontra na produção da autora, abordagens de temas ligados à precariedade da constituição individual e a dificuldade da sociedade brasileira em sustentar e viabilizar um projeto burguês de modernização” (GIZBURG, 2003, p.86).

Desta forma, reconhece-se que todo texto é político, como afirma Terry Eagleton. Propõe-se aqui uma leitura que ultrapassa as fronteiras do literário, no qual “o leitor, refletido



no narrador, se torna personagem de uma discussão-que, sem dúvida, será tão mais rica que quanto mais consciente de si, de seus valores e seus preconceitos, for esse leitor.” (DALCASTAGNE, p. 85, 2000). Busca-se o dialogo com a sociedade e o tempo nos quais a narrativa de Lispector se inscreve, respeitando as diferentes leituras, pois “obra nenhuma sobrevive sem que algum acréscimo lhe seja feito” (DALCASTAGNE, 2000, p.90).

Após esta breve contextualização e dialogo com a crítica da obra clariciana, enfocaremos a figura do intelectual apresentado nas páginas da obra *A hora da estrela*.

Com isso, a análise parte da relação intrínseca: Rodrigo S.M. e Clarice Lispector; Clarice Lispector e Macabéa. Começamos pela primeira, logo apresentada na “dedicatória do autor (na verdade Clarice Lispector)” que de acordo com Edgar Nolasco, metaforiza sobremaneira *o papel – lugar da figura do intelectual brasileiro comprometido com a realidade cultural do país*. (NOLASCO, 2007, p. 34)

Eneida Maria de Souza no ensaio *A teoria em crise*, ao discutir a crise evidenciada pelo título, lembra-nos de:

[...] que não se trata mais de considerar a literatura na sua condição de obra esteticamente concebida, ou de valorizar os seus critérios de literariedade, mas de interpretá-la como produto capaz de suscitar questões de ordem teórica ou de problematizar temas de interesse atual, sem se restringir a um público específico (SOUZA, 2002, p.68).

Na esteira de Nolasco, e na tentativa investigativa de melhor apresentar o intelectual biográfico nas páginas do livro em estudo, destacamos uma questão importante que vai desde a apresentação do escritor-autor Rodrigo S.M. à crítica estabelecida aos intelectuais da época.

Nela o escritor-autor Rodrigo S.M. nos dá um retrato de sua figura enquanto escritor, intelectual, apesar de não se considerar como tal, como também Clarice Lispector, caracterizava-se como uma amadora, pois “eu escrevo muito simples” afirmou em entrevista<sup>2</sup>.

Afirma Santiago num propósito certo ao que buscamos em nossa análise:

Trata-se de buscar textos onde o corpo do próprio autor foi dramatizado enquanto tal por ele mesmo, enriquecendo com essa leitura extra as leituras que foram feitas dos seus textos ditos ficcionais ou poéticos. Trata-se, ainda, de configurar as aproximações e contradições ideológicas que se tornam

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida ao programa Panorama cultural da TV Cultura em 1977.



salientes quando o texto da ficção e o da memória são analisados contrastivamente (SANTIAGO, 2002, p.196).

Daí a relação Rodrigo S.M. – Macabéa ser marcada pela distancia cultural que os separa, enquanto Rodrigo é sofisticado, possui conhecimento, um intelectual; Macabéa é o retrato da massa, que depende dos seus retalhos de informação. Mas tal separação serve para Rodrigo demarcar seu lugar enquanto intelectual, pois precisa diferenciar-se dos outros seres humanos, uma vez que erudição sinaliza a superioridade do intelectual.

Ao utilizar a personagem Macabéa, alguém insignificante que só prestava atenção em coisas insignificantes como ela, a grande massa, *nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida* (LISPECTOR, 1998, p.36), Rodrigo S.M. desconstrói o pensamento como o de verdade e do saber instituído que se repete na opinião corrente. Para ele e por extensão a proposta inovadora de Clarice é a de que o intelectual não é mais aquele sabe-tudo, não tem mais tantas certezas, nem muito menos convicções.

A massa que é composta por *essa resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito no clã do sul do país* (LISPECTOR, 1998, p.80) sabe que *esta história acontece em estado de emergência e de calamidade pública. Trata-se de livro inacabado porque lhe falta a resposta. Resposta esta que espero que alguém no mundo ma-dê* (LISPECTOR, 1998, p.10). E que talvez um dia desses vá se levantar e ter o *direito ao grito*.

Assim, nosso trabalho analisa a figura e lugar do intelectual, não como detentor cultural, inalcançável, provido de *intelligentsia*, desligado de seu contexto histórico-cultural, mas sim propomos rediscutir a figura da anti-intelectual Clarice Lispector e seu projeto inicial.

Esta anti-intelectual que mascara sua identidade e se afasta do texto, ao tratar de uma obra “exterior e explícita, que é uma história verdadeira embora inventada, porque todos nós somos um” (LISPECTOR, 1998, p. 18) traça o seu perfil de intelectual que utiliza-se sobremaneira da sua inteligência e cultura, num contexto que parte da margem e rediscute o centro.

Lispector, por sua vez, apresenta sua resposta a aqueles que a caracterizavam como alienada ou excessivamente hermética, dando uma gargalhada a todo saber instituído, todo



conceito canônico, mesmo o de literatura, rediscutindo toda uma nova prática de leitura cultural e ao sistema estabelecido.

Desta forma, parece que os censores de direita e os militantes de esquerda não conseguiam enxergar a mensagem contestadora e transformadora de Lispector, pois não estavam preparados para entender que o poder do sujeito está em sua percepção do simples-puro, e que através desta percepção que as transformações podem acontecer.

De todo exposto, após percorrer uma análise que toma texto e contexto numa abordagem que deixa de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou lingüística para se utilizar livremente os elementos capazes de conduzir a uma interpretação coerente da obra literária, privilegiou-se o modo magistral com que Lispector se posicionou diante da questão cultural no País, em que o comportamento e discurso de seus personagens projetam uma realidade social e cultural singular, expondo o verdadeiro papel do escritor frente à história, “porque há o direito ao grito. Então eu grito. Grito puro e sem pedir esmola” (LISPECTOR, 1998, p.13) enfrentando assim, de maneira única questões como a da injustiça social brasileira e diferenças culturais gritantes, como se escritora necessitasse colocar para fora suas angústias e frustrações a respeito da problemática social e cultural brasileira.

### **Referências Bibliográficas:**

- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.
- DALCASTAGNE, Regina. *Contas a prestar: o intelectual e a massa em A hora da estrela de Clarice Lispector*. In.: Revista de crítica literária latinoamericana. Lima-Hanover, nº51, p. 83-98, 2000.
- GINZBURG, Jaime. Clarice Lispector e a razão antagônica. In.: Rita Schmidt (Org.) *A ficção de Clarice: nas fronteiras do (im)possível*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2003.
- NOLASCO, Edgar César. *Caldo de Cultura: A hora da estrela e a vez de Clarice Lispector*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.
- UMBACH, Rosani. Em busca de Christa T. e a Hora da estrela: A escrita como tema. In.: Expressão-Revista do Centro de Artes e Letras. Santa Maria, UFSM, n. , p. 117-120, jul-dez. 2001.
- SANTIAGO, Silvano. *Nas malhas da Letras*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.



SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.